

COORDENAÇÃO
Carlos Fortuna

EQUIPA EDITORIAL
Ana Serrano
Bernardo Fazendeiro
Cristela Bairrada
Rita Martins

MIL FOLHAS

1 2 190

FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

BOLETIM QUADRIMESTRAL



ABERTURA
BIBLIOTECAS
-SERENAS GUARDIÃS
DO PENSAMENTO

Delfim F. Leão .2

DEPOIMENTO
AGUSTINA,
UMA
BIBLIOTECA

Pedro Mexia .4

OUTRAS BIBLIOTECAS
CENTRO
DE ESTUDOS
DA HISTÓRIA DA LEITURA

Alberto Manguel .6

FUNDOS BIBLIOGRÁFICOS DA FEUC
FUNDO
RAMOS PEREIRA

Júlio Mota .3

VÁRIA
À CONVERSA SOBRE .2
BASES DE DADOS .3
EM MOVIMENTO .7
QUE BIBLIOTECA É ESTA .8

DESTAQUE DE LEITURA
HOMENAGEM
A JOSÉ GUILHERME
XAVIER DE BASTO

Daniel Taborda .8

SUGESTÕES DE LEITURA
.8

BIBLIOTECAS - SERENAS GUARDIÃS DO PENSAMENTO

DELFIN F. LEÃO — FLUC

Além do seu famoso Farol (ou ‘Torre de Faros’), que constituía uma das maravilhas arquitetónicas da Antiguidade, a cidade de Alexandria ficou notavelmente conhecida por dois edifícios, que rapidamente engrossaram o rol dos monumentos mais paradigmáticos da nova capital do Egito: o Museu (ou ‘Templo das Musas’) e a Biblioteca. Embora os pormenores sobre a sua edificação sejam pouco abundantes e sujeitos a dúvidas, afigura-se provável que a decisão de os construir tenha cabido a Ptolomeu I, competindo ao filho (Ptolomeu II) a nobre tarefa de os expandir. Tanto o Museu como a Biblioteca representam, desde a Antiguidade, a exemplificação prática do espírito cosmopolita das novas urbes helenísticas. A sua criação tem sido entendida como expressão do influxo peripatético sobre este período de ouro da ciência, mas enquadra-se também dentro da longa tradição de patrocínio cultural que remonta já às Épocas Arcaica e Clássica gregas e que os novos monarcas helenísticos procuraram igualmente cultivar. Além disso, no caso dos Ptolomeus, estes monumentos contribuía ainda para o objetivo de reforçar as conexões com Alexandre Magno e de legitimar uma soberania de matriz grega (e por isso estrangeira) num contexto culturalmente tão exuberante como o do antigo Egito. Tanto a Biblioteca como o Museu haveriam de tornar-se símbolos de cultura e de ciência, ainda que, na sua génese, não coincidissem com uma leitura redutora que por vezes se faz do campo de atuação das instituições modernas que retiram o nome daquelas notáveis criações da Época Helenística. Com efeito, o Museu não correspondia de todo à noção de uma espécie de repositório estático de obras de arte (as tais criações inspiradas pelas Musas, de onde retira o seu nome), devendo antes ser entendido como um verdadeiro centro de investigação e de ciência viva, que compreendia entre as suas valências um observatório, salas usadas em processos dissecação,

além de um jardim botânico e de um jardim zoológico. A Biblioteca, por seu lado, notabilizou-se em particular pelos estudos literários, beneficiando do influxo de bibliotecários ilustres, que figuravam entre as mentes mais brilhantes do seu tempo e que os Ptolomeus souberam atrair a Alexandria, através de uma forte política de investimento científico. São disso exemplo o poeta Apolónio de Rodas, os gramáticos Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia, ou ainda o filósofo Eratóstenes, para referir somente alguns dos nomes mais ilustres. Ao seu trabalho se deve um notável desenvolvimento de sistemas de catalogação e indexação, que estão na base dos que ainda hoje se usam, bem como de seleção de textos e de estudo da tradição literária, que lançaram as bases de disciplinas estruturantes da filologia, como a ecdótica e a crítica textual. Mas atendendo sobretudo ao objetivo programático de reunir no seu acervo tudo o que de melhor houvesse sido produzido pelo intelecto humano, a grande Biblioteca afirmou-se igualmente como selo de qualidade: figurar nos seus fundos bibliográficos era sinónimo de passar com sucesso um processo analítico apertado, constituindo assim uma garantia de salvaguarda para o futuro e de perdurabilidade na memória humana.

Tomadas em conjunto, as funções do Museu e da Biblioteca de Alexandria representam, metonimicamente, as próprias vantagens da junção entre ciência e cultura, cuja grandeza sustenta a essência da Universidade e constitui a raiz do diálogo fecundo entre saberes. Colocadas entre a herança de uma tradição milenar padronizada e a diluição de fronteiras físicas decorrentes da transição digital, as modernas bibliotecas universitárias vivem um período marcado por grandes desafios, mas igualmente por estimulantes oportunidades.

Têm no silêncio da sala de leitura esse santuário sagrado de reflexão e introspeção interiores.

*Têm no silêncio da sala
de leitura esse santuário
sagrado de reflexão
e introspeção interiores*

Não podem, de forma alguma, negligenciar a curadoria dos documentos colocados à sua guarda, sejam antigos ou mais recentes, da mesma forma que não podem ignorar a bibliodiversidade que marca de maneira crescente o universo da publicação e da comunicação científica. Precisam de cultivar a especialização técnica dos seus acervos, da mesma forma que necessitam de estimular leitores improváveis, atraídos por saberes de fronteira ou pela simples curiosidade científica. Têm no silêncio da sala de leitura esse santuário sagrado de reflexão e introspeção interiores, mas requerem também de quem as dirige e frequenta a capacidade para promover momentos de discussão aberta e de fusão álaire de sensibilidades. Porque as bibliotecas são, a um tempo, agentes e sensores de cultura, de arte e de ciência. Porque são, em última análise, uma das mais fecundas marcas de progresso civilizacional. Para que estes desígnios se cumpram em plenitude, temos de zelar por manter as bibliotecas abertas e de nelas nos demorarmos. Para não se incorrer na leitura apressada, que pode servir para alardear uma erudição aparente, mas que já merecia a crítica irónica do poeta romano Marcial, com cujos versos se encerra, em tradução, esta breve deambulação pelos peristilos interiores das serenias guardiãs do pensamento (Epigramas, 11.107):

*Devolves-me o livro desenrolado até às pontas,
como se o tivesses lido por inteiro, Septiciano.*

Tudo leste. Acredito, bem sei, fico contente, é verdade.

Foi assim que também eu li por inteiro os teus cinco livros. ●

À CONVERSA SOBRE

As sessões “À ConVersa sobre...” são dinamizadas pelo Conselho da Biblioteca da FEUC e têm como objetivo discutir temas atuais que exercem influência em todas as áreas do conhecimento que se estudam na FEUC. No primeiro ciclo destas sessões, o Conselho da Biblioteca da FEUC optou por abordar questões que giravam em torno da responsabilidade, automação e emoção.

A primeira ConVersa, dedicada à reflexão sobre a **RESPONSABILIDADE** (26-11-2020) contou com a participação de Susana Peralta, Filipe Almeida, Teresa Cravo e António Casimiro Ferreira. No que diz respeito à segunda ConVersa, dedicada a discutir a **AUTOMAÇÃO** (11-2-2021), contou com intervenções de Ana Paula Marques, André Saramago, António Portugal e Hermes Costa.

Finalmente, a última ConVersa debruçou-se sobre a **EMOÇÃO** (18-03-2021) e teve os contributos de João Fontes da Costa, Eduardo Barata, Sofia José Santos e Bernardo Teles Fazendeiro.

Todas as sessões contaram com a participação de docentes da FEUC e de outras instituições de ensino.

FUNDO RAMOS PEREIRA

Júlio Mota – FEUC

[T]rata-se de um espólio riquíssimo de alguém que era de uma enorme e multifacetada cultura

Pediram-me um comentário sobre o “Fundo Ramos Pereira” em que a apresentação deve “ser feita por quem conheça o “perfil” desse fundo bibliográfico e a personalidade/trabalho da personagem que lhe dá nome.

Hoje, tenho a sensação que na Universidade, sobretudo depois de Bolonha, se começa a sentir a redução do espaço de criação e de crítica, do espaço que torna possível a circulação de textos acutilantes face ao *mainstream* da economia. E estas são hoje características tomadas como irrelevantes porque não apelativas face aos ares do tempo. Por tudo isto, a primeira sensação ao ler o texto do convite, enviado por quem muito respeito, foi dizer não. Mas não o posso fazer, não me posso recusar a escrever umas linhas de homenagem a alguém a quem sempre muito respeitei, o Dr. Álvaro Ramos Pereira.

No espaço disponível opto por falar de uma personagem singular, tão singular que marca a natureza do fundo, e menos do próprio fundo cuja composição fala por si. Trata-se de um fundo que eu conheço bem, alguns dos seus livros passaram-me pelas mãos enquanto ainda estudante do ISEG e visitante da sua casa. Na minha opinião, trata-se de um espólio riquíssimo de alguém que era de uma enorme e multifacetada cultura, o que é bem espelhado pela apurada seleção de livros por cada área das ciências sociais e não apenas de economia. Na linguagem atual diríamos que se tratava de um polímata, e os polímatas são agora na Universidade um pouco como os cisnes negros do “esquerdista” Nassim Nicholas Taleb, raros e perigosos, para o sistema de ensino dominante e o sistema financeiro, respetivamente.

Quanto ao espólio de livros tornemos claro e primeiro que tudo, que a sua existência na FEUC se deve ao empenho e à tenacidade do saudoso Romero de Magalhães, por um lado, e à viúva de Ramos Pereira, Dona Lisete Pereira, e aos seus filhos. Foi o Professor Romero que levantou a questão do interesse para a FEUC de ficar com o espólio de livros do Dr. Álvaro Ramos Pereira e, nesse sentido, pediu-me que contactasse a viúva, o que fiz com prazer. Fui a sua casa, onde jantei, e aí perguntei-lhe com toda a franqueza sobre o que esperava fazer da sua Biblioteca. Revejo ainda hoje a ansiedade bem espelhada na cara da Dona Lisete e que me pergunta: onde é que acha que os livros devem ficar? Hesitei na resposta e respondi mais ou menos isto: esta biblioteca marca toda uma época, pela qualidade, pela diversidade e pela raridade de muito do

seu conteúdo. É uma pena ficar encapsulada em qualquer casa que seja, por mais que a estimem. Ela deve estar onde os que podem precisar dela a tenham ao seu dispor. E um desses lugares, e talvez o que ele mais preferisse, é a Faculdade de Economia. Foi mais ou menos esta a minha resposta. Disseram-nos depois que aceitaram a minha sugestão. Entretanto, o filho mais velho selecionou alguns desses livros e ofereceu-mos em mão. Aceitei-os, como amigo, mas sobretudo como professor.

Em 2012, deixei a Faculdade e desse grupo de livros que me foram pessoalmente oferecidos pela família fiz o que me fizeram a mim: dei parte desses livros à Biblioteca da FEUC, ficando ao cuidado garantido da Dra. Ana Serrano e auxiliares, e os restantes foram oferecidos à Margarida Antunes e ao Luís Peres. Estes últimos livros seguiram o mesmo destino que já tinham tido antes: entregues a quem muito podia precisar deles, e este muito diferencia a necessidade de um professor da de um estudante. Desse conjunto fiquei apenas com um livro, que guardo religiosamente: a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Um banqueiro central a ler Hegel é coisa que nunca imaginaria na altura, como hoje também não se imagina um professor de economia preocupado com a dialética do senhor e do escravo em Hegel. Uma questão dos tempos.

Do professor Álvaro Ramos Pereira ainda me recordo de algumas das suas aulas lecionadas do curso de economia que eram lecionadas na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e de entre estas, de uma que me faz recordar os tempos de hoje: a regulação das janelas abertas. Janelas abertas? Era uma metáfora e uma crítica à falta de regulação: esta não funcionava, os reguladores inspecionavam o respeito das reservas obrigatórias num dado banco, saíam e depois de saírem, saía parte do dinheiro disponível que fugia pelas janelas para outro banco e assim se respeitavam as reservas obrigatórias. Hoje, em 2021, estamos a assistir ao equivalente de dois *momentums* trágicos da crise que estalou em 2008: então os *momentums* Madoff e Lehman Brothers, hoje o banco Greensill e o fundo de investimento familiar Archegos Capital Management. Isto significa, tal como outrora, que a regulação não tem funcionado.

Conheci-o enquanto meu professor no ISEG e ficámos amigos a partir daí, uma amizade que durou décadas, até ao fim da sua vida. A existência na FEUC do Fundo Ramos Pereira é também um pouco a expressão dessa relação. ●

BASES DE DADOS EIKON FOR STUDENTS

A base *Eikon for Students* da Thomson Reuters combina um serviço de informação financeira, o *Eikon*, sobre mercados e ativos financeiros com abrangência global, em permanente atualização, com uma base dados, a *Datastream*, com mais de 50 anos de dados diários cobrindo as diferentes classes de ativos.

Na utilização do serviço *Eikon*, um conjunto de aplicações específicas facilita a recolha de informação necessária à compreensão do funcionamento dos mercados.

A *Datastream* é facilmente acedida através de um add-in no Excel para pesquisa e recolha de dados. Entre outros, na *Datastream* podem encontrar-se dados sobre o comportamento dos títulos em mercado (cobrindo cerca de 100 mercados, desenvolvidos e emergentes), sobre os fundamentais dos emitentes (e.g. rácios de mercado, rácios económico-financeiros), sobre índices de mercado (proprietários da *Datastream* ou calculados por outras entidades especializadas, e.g. FTSE, Standard & Poors, Dow Jones, Stoxx), informação sobre o desempenho ambiental, social e *governance* referentes a mais de 7000 empresas. Inclui ainda informação macroeconómica sobre mais de 160 países, dados sobre fundos de investimento, taxas de juro e taxas de câmbio, futuros e opções, mercado de *commodities*, e sobre obrigações, privadas ou soberanas.

A base está acessível para consulta em terminais dedicados na sala de material não livro da biblioteca. ●

Pedro Mexia — Foto de Alfredo Cunha



AGUSTINA, UMA BIBLIOTECA

PEDRO MEXIA

Em «A biblioteca como mito», capítulo de um livro sobre a ideia de biblioteca, escreve o agora lisboeta Alberto Manguel que a «demanda egípcia da imortalidade» incluía a ideia de perpetuar em palavras e imagens o cosmos, aquilo que aconteceu, quem viveu. E que, mais tarde, os heróis da literatura épica, como os de Virgílio, Melville ou Conrad, haveriam de dar continuidade a essa crença: «Para eles, o mundo (tal como a Biblioteca) compõe-se de uma miríade de histórias que, através de intrincados labirintos, conduzem a um momento de revelação destinado unicamente a eles».

É uma alegria para os leitores de Agustina Bessa-Luís ver o seu nome associado a uma biblioteca, a Biblioteca Municipal Palácio Galveias. Uma «alegria do mundo», para citar um título agustiniano, e um acto de justiça. A literatura, mais do que a toponímia, é o domínio da justiça; uma justiça que, em tantos casos, nunca veremos, que se fará depois de nós, quando a permanência das imagens e das palavras for revelada a outros, já pouco sensíveis à nuvem do circunstancial, do biográfico, do anedótico. Outros a quem essas imagens e palavras se destinavam, os vindouros, mais do que os contemporâneos. Ninguém lê livros maus do passado longínquo, e ninguém no futuro lerá os livros maus do nosso tempo, que foram aliás necessários ao nosso tempo; a literatura de que nos lembramos é a imagem de um cosmos, mesmo que seja um cosmos extinto, aquele a que Manguel chamou egípcio, ou «alexandrino», como a mais famosa biblioteca da Antiguidade.

A justiça, em literatura, é uma inevitabilidade histórica. Há muito intuimos que a literatura de Agustina Bessa-Luís era demasiado forte, demasiado vasta, demasiado densa, demasiado desconforme, para se esgotar no seu tempo. Depois de décadas em que foi mais conhecida do que lida, ou do que lida sem preconceitos, segue-se esse outro tempo em que será lida pelos leitores a que se destinava. E à ausência biográfica há-de suceder uma presença. Escreveu Mónica Baldaque numa recente, tocante, evocação de sua mãe: «Quando se apagar a memória amável de uma Agustina que comunicava com todos, que seduzia com a sua palavra de Sibila, ficará um vazio, aí sim, preenchido pela verdadeira essência da sua razão de ter existido». Creio que isto não é apenas uma esperança filial, mas uma compreensão exacta, e sem dúvida dolorosa, de que a «razão profunda» para um escritor existir é o facto de escrever. E de que essa razão atingirá a plenitude depois de a morte dar lugar a essa espécie de imortalidade finita que é a literatura.

Um bom motivo para que uma biblioteca, neste caso o salão nobre de uma biblioteca, se chame Agustina Bessa-Luís é esse: não a homenagem cívica mas a convicção «egípcia» de que os livros desta escritora esperam os leitores que hão-de vir, não só mas também leitores em bibliotecas, onde acontecem diariamente descobertas que depois se tornam necessidades. Porque há uma «peste emocional», como disse Agustina acerca de Dostoiévski, que se propaga nas páginas dos livros, de alguns livros, uma doença que, não sendo fatal, não é inócua.

Outra boa razão para que uma biblioteca, qualquer espaço de uma biblioteca, se chame Agustina Bessa-Luís, será a de reconhecer Agustina como uma biblioteca ela mesma. Julgo até que seja isso que fascina e assusta nos seus livros, a noção de infinitude e de continuum: «eu não escrevo várias obras, escrevo só uma», disse em tempos. A nossa civilização tem um modelo para esse fenómeno: a Bíblia, conjunto de livros que compõem um único livro, «grande código» vastíssimo, inesgotável. E se ninguém diz que «já leu» a Bíblia, também ninguém diz que «já leu» Agustina: temos consciência de que *ainda não lemos tudo* e de que *a leitura não é tudo*, porque não termina quando se fecha o livro. Agustina acompanha-nos ao longo dos anos, em diferentes épocas da vida, mas sempre lúcida, curiosa, fulgurante, impaciente, feroz. E talvez não seja despropositado lembrar o título de um díptico romanesco publicado

entre 1967 e 1970, *A Bíblia dos Pobres*, designação usada para aquelas antigas bíblias ilustradas, de proveito e exemplo, mais acessíveis mas tão inesgotáveis como as bíblias dos ricos.

*Ninguém lê livros maus
do passado longínquo,
e ninguém no futuro lerá os livros
maus do nosso tempo,
que foram aliás necessários
ao nosso tempo*

Confesso que mais do que uma vez me aconteceu *dissuadir* pessoas de ler Agustina, apesar de toda a minha admiração, quase devoção. Já me têm perguntado porque faço isso. Mas a explicação foi formulada pela própria escritora, quando descreveu uma «sociedade minoritária» de pessoas «incuráveis». Pessoas a cujas mãos os livros forçosamente chegarão, por destino ou acaso, talvez nas estantes de uma biblioteca, mas não por causa da celebridade, das leituras obrigatórias, das falsas expectativas. A um inquérito do jornal *Libération* sobre o tema «Por Que Escrevo», Agustina respondeu: «Francamente – porque pensam que eu escrevo? Para incomodar o maior número possível de pessoas, com o máximo de inteligência. Por narcisismo, que é um facto civilizador. Para ganhar a vida e figurar no Larousse com o mesmo realismo utópico aplicado a Madame de Pompadour». Este maior número de pessoas é, ainda assim, o maior número possível, como se esclarece nesta frase retirada de uma conferência: «Eu creio que não há escritores que queiram ser lidos por muita gente; querem ser conhecidos por muita gente e lidos por poucos». Poucos, sim, mas constantes, fiéis, sucedendo-se de geração em geração. Agustina veio para ficar e vai ficar, apesar das dificuldades, dos equívocos. E não duvido que soubesse isso, tendo mesmo anunciado, numa carta à mãe: «Sou muito difícil de suportar, é verdade; mas sou mais difícil de ignorar».

Quando, no início dos anos 70, Alberto Luís e Agustina Bessa-Luís foram viver para uma mansão inglesa sobre a Arrábida, lugar murado e secreto, ideal para um recolhimento do mundo que não era um *contemptus mundi*, Agustina encontrou o castanheiro do Gólgota; não o Gólgota bíblico, mas o da rua homónima do Porto, uma árvore elevadíssima e frondosa. «Não sei quem me disse que os castanheiros podem viver três mil anos, mas é possível que isso seja exagerado». Suspeito que seja exagerado, não sei nada sobre castanheiros, mas tudo aquilo que sobrevive à sua geração e à seguinte bem se pode dizer que viverá três mil anos. A certa altura, conta Agustina nessa mesma crónica, o castanheiro esteve para ser abatido, por causa da construção dos acessos à ponte da Arrábida. «Porém, ele impunha-se pela sua majestade e fazia mover os largos ramos como se dissesse que o ar era da sua responsabilidade».

Um nome num edifício não é um castanheiro ancestral, uma biblioteca também não, mas são gestos que reconhecem que nem tudo se destina a ser abatido, que só as vidas é que forçosamente terminam. O castanheiro do Gólgota ficou de pé dessa vez que quiseram cortá-lo. E dele disse Agustina o que podemos dizer sobre o legado de Agustina: «A sombra dele é fresca como nenhuma outra e, mesmo quando despido de folhas, tem a grandeza dum universo». ●

¹ Texto lido a 3 de Junho de 2021 na Sala Agustina Bessa-Luís da Biblioteca Palácio Galveias, em Lisboa

CENTRO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA DA LEITURA

UM NOVO EQUIPAMENTO CULTURAL EM LISBOA E PARA O MUNDO

ALBERTO MANGUEL

No dia 12 de setembro de 2020 foi celebrado o protocolo de doação da biblioteca pessoal de Alberto Manguel ao Município de Lisboa, que se comprometeu a criar, a partir desse núcleo bibliográfico original, um centro de estudos dedicado à História da Leitura (CEHL). O evento, que foi transmitido online em direto, pode ser visto aqui (<https://www.lisboa.pt/actualidade/noticias/detalhe/lisboa-recebe-a-biblioteca-de-alberto-manguel>).

Trata-se de uma biblioteca multilingue única em literatura e humanidades, organizada ao longo de toda uma vida e bem conhecida por alguns dos mais notáveis autores e bibliófilos contemporâneos, que com ela se puderam relacionar nas suas diferentes localizações. Hoje em dia, quase tudo que nos rodeia nos encoraja a não pensar, a contentarmo-nos com lugares-comuns, com uma linguagem dogmática que divide claramente o mundo em branco e negro, bom e mau, eles e nós. Esta é a linguagem do extremismo, uma linguagem que aparenta comunicar mas, sob diferentes disfarces, simplesmente agride; não espera respostas para além da obediência silenciosa.

Passar de um vocabulário constrangido para um mais vasto, mais rico e sobretudo mais ambíguo, é assustador, pois esse outro reino das palavras não tem fronteiras, sendo perfeitamente equivalente ao pensamento, à emoção, à intuição. Este vocabulário infinito abre-se a nós se lhe dedicarmos tempo e fizermos o esforço de o explorar, e durante séculos criou palavras a partir da experiência com o objetivo de refletir em nós essa mesma experiência, permitindo-nos assim compreender o mundo e a nós próprios. Imaginar é dissolver barreiras, ignorar fronteiras, subverter a visão do mundo que nos é imposta. Em última análise, qualquer crise social é uma crise da imaginação.

A minha imaginação foi constantemente alimentada pela minha biblioteca, que tem sido uma fonte inesgotável de conhecimento da humanidade. Expandiu constantemente o meu universo e eu partilhei-o com os leitores através dos meus livros. Agora estou preparado para a partilhar diretamente com todos, uma biblioteca de descobertas fortuitas das expressões dos escritores de diferentes línguas, culturas e contextos, que encoraje o diálogo e questione a mente. Espero que ofereça aos seus novos utilizado-

res o mesmo que me deu a mim: um universo maior e mais profundo, e uma reflexão mais crítica quer sobre mim quer sobre o mundo à minha volta, para além de amizades eternas.

A partir da doação da minha biblioteca pretende-se criar o Centro de Estudos da História da Leitura, equipamento municipal gerido pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), entidade detida exclusivamente pelo Município de Lisboa, que será especialmente dedicado ao estudo da história da leitura e com clara vocação internacional. Para além deste objetivo, o CEHL pretende fomentar o interesse pela leitura e por diferentes literaturas; fornecer apoio aos leitores nas suas pesquisas ou desenvolvimento do gosto pela leitura; dar a conhecer as principais figuras da literatura e artes relacionadas, incluindo criadores e investigadores; e fomentar e ampliar uma comunidade de leitores, escritores e investigadores.

Apesar de ser um centro literário fundamental para académicos e pesquisadores a nível internacional, o CEHL tem a ambição de ser um equipamento relevante também para o público em geral, adotando uma política de portas abertas a quem queira nele encontrar-se com os principais títulos da literatura universal.

Os objetivos do CEHL serão atingidos através da preservação, organização, desenvolvimento e disponibilização de acesso da sua coleção, assim como por diferentes programas e atividades. Espera-se que estes programas incluam, mas não se limitem, a conferências, leituras, performances e exposições; seminários e workshops para estudantes e especialistas; programas de acolhimento de investigadores ou autores com vista à apresentação pública e divulgação dos seus projetos; roteiros e visitas para estudantes, e outros grupos com interesses específicos, entre outras atividades. Muitos destes eventos serão organizados e acolhidos em parceria com outras instituições portuguesas, bem como com outras bibliotecas e entidades internacionais.

Em suma, o CEHL pretende alcançar um posicionamento único na cidade e também entre o conjunto de equipamentos culturais geridos pela EGEAC, caracterizando-se por uma tripla dimensão: ao

*Imaginar
é dissolver barreiras,
ignorar fronteiras,
subverter a visão
do mundo
que nos é imposta*

mesmo tempo que se constitui como uma *biblioteca* de referência internacional na área da História da Leitura e aberta ao público de diferentes origens e graus de especialização, pretende ser também um *centro de estudos*, caracterizado por dinamizar conferências e encontros científicos e produzir publicações nas sua área de estudo; mas também pretende ser um *lugar de apresentação de exposições* em torno da História da Leitura.

Por agora o CEHL não conta ainda com o seu espaço físico, visto estar em curso a reabilitação de um importante edifício, propriedade do Município e conhecido como Palacete dos Marqueses de Pombal, na Rua das Janelas Verdes. Este palácio, de fachada neoclássica e datado do início do século XIX sobre construções pré-existentes, integra um importante conjunto azulejar do século XVIII nos espaços interiores, representando figuras de corte, alegorias e elementos fitomórficos, bem como pinturas a fresco, murais e de cobertura, representando motivos campestres e alegorias dos diferentes continentes que importa conservar.

Na preparação do projeto de reabilitação arquitetónica e adaptação funcional do espaço foram realizados estudos estruturais de modo a determinar a capacidade de carga do edifício, assim como foram listadas as intervenções necessárias para o cumprimento das normas vigentes referentes a temperatu-



ra, luz, circulação do ar, som e acessibilidades. Também foi conceptualizado um plano funcional que teve em conta as áreas consideradas fundamentais para a realização das atividades necessárias ao cumprimento dos objetivos do CEHL: salas de leitura e depósito, espaços de investigação e para pequenos grupos, zona de eventos e conferências, e áreas de trabalho da equipa.

No que concerne à coleção em si mesma, pretende-se que a sua organização reflita a orientação que tinha a minha biblioteca de Mondion, em França: literatura agrupada de acordo com a língua original; secções multilingues de literatura não ficção; secção especializada de História da Leitura; e uma secção dedicada a alguns autores específicos.

Na fachada sul do edifício existe um pequeno jardim, pensado como zona de lazer que disponibilizará uma cafetaria aberta ao público.

Infelizmente, mas de modo compreensível, o atual contexto pandémico provocou atrasos no processo, mas acredita-se que o cronograma inicial não sofreu

grandes alterações, e a intenção e desejo mantêm-se na abertura do CEHL em 2023.

Devido à crise de saúde pública, mas também devido ao estado atual do espaço físico que será a casa do CEHL, prevê-se que as atividades promovidas no ano de 2021 aconteçam apenas na segunda metade do ano. A maioria das atividades decorrerá online ou em outros espaços, e será constituída em parceria com outras instituições culturais da Cidade de Lisboa.

No entanto, ainda este ano, e no contexto da História da Literatura universal, não se pode ignorar o sétimo centenário da morte de Dante, e será esta a principal referência na oferta programática de 2021. Para além das reflexões sobre o legado, serão também promovidas e apresentadas novas criações inspiradas na Divina Comédia, desenvolvidas num quadro laico que permite uma renovação de sentidos, transpostos e relidos à luz das mais diversas formas contemporâneas: a poesia, música, artes plásticas e performativas, entre outras. O programa específico para 2021 será revelado em breve. ●

Alberto Manguel,

Buenos Aires, 13 de março de 1948

—

Alberto Manguel é um escritor, tradutor, editor e crítico argentino-canadiano, nascido em Buenos Aires em 1948. Publicou diversas obras, de ficção e não-ficção, tendo recebido numerosos prémios internacionais, entre os quais o Formentor 2017 e o Prémio Gutenberg 2018. Foi, até agosto de 2018, diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, e é atualmente diretor do Centro de Estudos da História da Leitura, em Lisboa.

—

EM MOVIMENTO

NA BIBLIOTECA – INICIATIVAS E DESTAQUES DO CONSELHO DA BIBLIOTECA

O Conselho da Biblioteca convida a re-visitatar as suas atividades, a inteirar-se da oferta bibliográfica recente e dos contributos do corpo docente da FEUC (selo “Estante FEUC”) e a assistir à seleção sempre atualizada de vídeos temáticos. Entre aqueles que estão a ser partilhados no momento no átrio da Biblioteca da FEUC, destacam-se:

Build a more ‘investible’ circular economy – Here’s how private investors can turn plastic into gold | World Economic Forum (WEF)
Duração: 0:01:47

This airline is using a sustainable fuel made from waste | WEF
Duração: 0:01:52

These-carpets-are-made-from-banana-waste | WEF
Duração: 0:01:15

To reach net-zero emissions, we need to build the world’s biggest solar farm every day until 2030 | WEF
Duração: 0:01:11

Here’s what to expect over the coming decades if we take no action on climate change | WEF
Duração: 0:02:36

In Estonia volunteers are restoring their landscape to fight climate change | WEF
Duração: 0:1:24

The Rise of Superstar Firms and the Fall of the Labor Share | Marginal Revolution University (MRU)
Duração: 0:6:46

Neuroeconomics and Shopping: Don’t Ask the Person, Ask the Brain | MRU
Duração: 0:4:47

What’s the Difference Between Econometrics and Data Science? | MRU
Duração: 0:2:00

The Hidden Cost of Pollution | MRU
Duração: 0:6:40

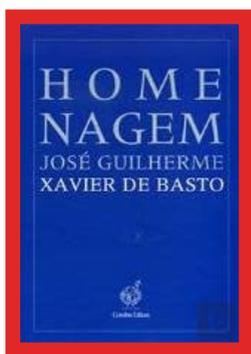
The tyranny of merit | TEDTalks
Duração: 0:27:04

Entrevista a Rui Nabeiro – Liderança | Portal da liderança
Duração: 0:5:01

A surpreendente verdade sobre o que nos motiva | RSA Animate
Duração: 0:10:47

How covid-19 is boosting innovation | The Economist
Duração: 00:19:03

Why The Coronavirus May Forever Change Grocery Shopping | Wall Street Journal
Duração: 0:07:42



HOMENAGEM A JOSÉ GUILHERME XAVIER DE BASTO

Daniel Tabor da — FEUC

Os desafios que a sociedade, em geral, e o setor público, em particular, atualmente enfrentam refletem-se, entre outros domínios, na complexidade da política fiscal. A dupla função do imposto – o financiamento das despesas públicas e a obtenção de resultados económicos e sociais – coloca-o no centro de dois domínios distintos, embora complementares – o direito fiscal e a economia pública. Neste livro de homenagem, os organizadores tiveram tarefa espinhosa: escolher, entre os muitos autores que partilham admiração pelo Homenageado, os contributos em honra de quem, entre outros ofícios, foi durante décadas o Professor de Fiscalidade na FEUC, figura cimeira da doutrina e da complexa função de propor soluções legislativas, e coligir textos, de natureza diversa, relacionados com impostos e seus efeitos.

O livro contém textos que ultrapassam as fronteiras do sistema fiscal português e da própria UE, mostrando a importância dos estudos comparados na análise de

um tema global, como é a tributação. Mas outras abordagens, designadamente normativa, jurisprudencial e empírica, serviram de pontos de partida para uma análise profunda de vários temas relacionados com o IVA, impostos sobre o rendimento, impostos sobre o património, princípios estruturantes do sistema fiscal, garantias dos contribuintes, direito penal tributário, entre outros.

Quinze anos depois da sua publicação, revisita-lo foi enriquecedor, em particular pela atualidade dos temas. Logo se suscitou a questão: depois de tantas alterações legislativas, os problemas fiscais eternizam-se? Mas de forma menos precipitada e recordando a última lição do Homenageado (Tópicos para uma Reforma Fiscal Impossível), a questão é outra. É antiga e está por resolver: será que utilizar o imposto como o principal instrumento de política económica e esperar de tantos fins, não raro contraditórios, é a melhor forma de servir o Estado Social? A leitura deste livro contribui para compreender os vários ângulos desta questão.

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra — uc.pt/feuc — Contactos +351 239 790 504 — biblioteca@fe.uc.pt — <https://www.facebook.com/FEUCBiblioteca> — Design Editorial: Duplo Network / Fotografia de Capa Pedro Medeiros

EUROPEAN UNION CONTESTED FOREIGN POLICY IN A NEW GLOBAL CONTEXT



No mês em que a União Europeia (UE) organizou o evento oficial de lançamento da Conferência sobre o Futuro da Europa, este livro ajuda-nos a refletir sobre a UE num contexto

de crescente contestação normativa. Internamente, esta é visível na atuação de movimentos antiglobalização ou na crescente presença de forças políticas populistas; externamente, no questionamento dos princípios da ordem liberal ocidental, face aos quais a UE sublinha o normativo europeu – ideais cosmopolitas, multilateralismo e uma ordem assente em regras. Muitos dos temas nesta agenda de contestação, como soberania, direitos humanos ou alterações climáticas não são novos, mas têm permitido uma polarização crescente no espaço europeu. A partir deste quadro de contestação normativa o volume discute a capacidade da UE para responder a estes múltiplos desafios.

[327 4 UE]

Raquel Freire — FEUC

HOW TO BE AN ANTI-CAPITALIST IN THE 21ST CENTURY

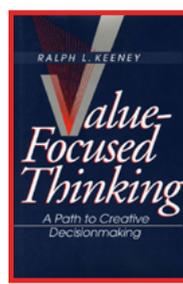


É um livro fundamental de um dos nomes incontornáveis da sociologia internacional. O pensamento sociológico de inspiração marxista mostra-se aqui ajustado às transformações e

à complexidade das sociedades contemporâneas. Trata-se de uma abordagem crítica, que vai da análise das classes ao projeto das “Utopias reais” que o autor empreendeu na parte final da sua carreira. Além de expor de modo claro a sua perspectiva crítica do capitalismo do século XXI, Erik Wright propõe-nos um conjunto de pistas que desconstruem as abordagens clássicas do marxismo, e em que se antevê a erosão do capitalismo como uma exigência ontológica, fundada em valores de justiça (mais do que em interesses de classe), em preocupações democráticas e de ordem moral (mais do que de ordem económica) e na procura de alternativas a partir do interior do próprio sistema. [316.334.3 WRI]

Elisio Estantque — FEUC

VALUE-FOCUSED THINKING: A PATH TO CREATIVE DECISIONMAKING



Ralph Keeney é um dos nomes mais respeitados na área da análise de decisão, sendo este livro uma referência em avaliação multicritério. Enfatizando mais a arte do que

a matemática do apoio à decisão, o autor trata a questão de focar a atenção nos objetivos que presidirão à avaliação, por oposição ao foco habitual nas alternativas disponíveis. Tal como a resposta certa à questão errada não tem grande utilidade, também uma análise de decisão muito sofisticada baseada numa estruturação frágil não a terá.

O livro explora formas de pensar sobre os objetivos, procurando-os, estruturando-os, e aplicando-os de forma coerente nas nossas decisões. Através de exemplos da sua vida profissional e pessoal, Keeney mostra como criar alternativas, construir compromissos na decisão em grupo e identificar de oportunidades de melhoria contínua.

[D 519.8 KEE]

Luís Dias — FEUC

ECONOMIC GLOBALIZATION AND GOVERNANCE: ESSAYS IN HONOR OF JORGE BRAGA DE MACEDO



Este livro, editado por Luis Brites Pereira, Eugénia Mata e Miguel Rocha de Sousa na editora SPRINGER em 2021, contém magníficos capítulos sobre a globalização

em geral e sobre a história económica portuguesa e a sua inserção na economia global, cujos autores são eminentes economistas portugueses e estrangeiros. Entre eles, destaca-se Paul Krugman, prémio Nobel de Economia em 2008, e amigo pessoal de Jorge Braga de Macedo, o homenageado pelo livro.

Destaca-se a revisitação do modelo Krugman-Macedo, através de uma avaliação empírica no capítulo de Miguel Lebre de Freitas e Miguel Faria-e-Castro. É, portanto, uma referência atualíssima e de excelentes contributos para estudantes de Economia Monetária e Economia Internacional e para todos os interessados no tema. É uma homenagem justificada a Jorge Braga de Macedo de quem tive a honra de ser aluno no doutoramento em Economia na Nova School of Business and Economics, em 1999/2000. [330.3 ECO]

Tiago Sequeira — FEUC

QUE BIBLIOTECA É ESTA?

Selecionámos pessoas que usam a Biblioteca acerca dos impactos e dos modos de resolução para superar as dificuldades de acesso às salas de trabalho causadas pela pandemia. Sintetizamos de seguida os depoimentos de Mónica Guerreiro (FMUC), José Brito (FEUC), Davide Rodrigues (FDUC), Ana Rita Ferreira (FMUC), Cátia Couto (FMUC) e Liliana Santos (FEUC).

A) Que dificuldades lhe causaram as restrições de acesso às salas de leitura da biblioteca?

MG Apesar da biblioteca ser um lugar para estudar acho que também é um lugar de convívio, pois permite estar com os amigos que estão a estudar connosco.

JB Em casa, demorava imenso tempo a começar a estudar tendo sido muito menos produtivo do que quando tínhamos acesso às salas de leitura.

LS Foi complicado aceder às bibliografias recomendadas pelos professores.

JB A principal dificuldade foi o uso da máscara durante muitas horas.

DR Ter de estudar em casa mudou imenso a minha rotina.

CC Este confinamento acabou por impossibilitar o convívio com outras pessoas e afetar a motivação para o estudo.

B) Como procurou ultrapassar essas dificuldades?

MG Algo que me ajudou bastante foram salas de estudo online, via zoom, onde podia estudar com outras pessoas.

JB Procurei nunca ficar a estudar no mesmo sítio da casa; ficar longe de tudo o que me pudesse distrair... Eu e os meus colegas marcávamos sessões via zoom para esclarecermos dúvidas.

LS Tentei encontrar as bibliografias na internet, apesar de muitas vezes não ter conseguido.

CC Tentei criar novas rotinas em casa e forçar-me a cumprir um horário estipulado para não ficar atrás na matéria. Tentar fazer exercício físico para não ficar todo o dia sentada.

C) Como tem sido a sua experiência atual ao frequentar a biblioteca da FEUC?

CC Agora, com os exames à porta, foi bom poder sair de casa e vir para cá estudar. Sinto-me bastante segura porque a distribuição das pessoas por sala é boa, a limpeza é frequente e há desinfetante por todo o edifício.

MG A única dificuldade que tenho a apontar é poder ser difícil arranjar lugar.

LS Como o número de lugares foi reduzido, muitas vezes chego cá e já não há lugares livres.

DR Excelente. As saudades eram muitas: das pessoas, do espaço, da tranquilidade. Não há máscaras nem cancelas que se sobreponham a isso.

ARF De momento, a única dificuldade é o uso obrigatório de máscara. No entanto, dado o contexto atual, é uma dificuldade inultrapassável.